

O FANTÁSTICO PASSADO ESQUECIDO DA MINIFICÇÃO BRASILEIRA

CECHINEL, Francilene Maria Ribeiro Alves (autor)
CORONEL, Luciana Paiva (orientador)
francilene.cechinel@gmail.com

Evento: Encontro de Pós-Graduação
Área do Conhecimento: Literatura Brasileira

Palavras-chave: Minificção; Humor; Literatura Fantástica

1 INTRODUÇÃO

Apesar da consistente pesquisa desenvolvida sobre a história da minificção no cenário hispano-americano, a minificção brasileira continua sendo um território a desbravar. O incipiente interesse do mercado editorial e do meio acadêmico por tais textos e o fato do pequeno número de antologias e estudos sobre o gênero dedicarem-se apenas aos escritores em atividade a partir da década de noventa parecem corroborar a falsa teoria de seu recente surgimento e desenvolvimento Brasil. Entretanto, entre as primeiras experimentações com a brevidade e com a escrita fragmentária nos clássicos modernos e o tão citado livro *Ah é?*, lançado por Dalton Trevisan em 1994, é possível encontrar diversos sinais de uma história de consolidação da minificção ainda não contada. Esquecidas entre a dependência genérica do conto e o sucesso da microficação em meios virtuais, estão duas décadas de minificção e a obra de Adrino Aragão, Elias José, Marina Colasanti e Péricles Prade, nomes até hoje precariamente citados no Brasil e totalmente ignorados pela crítica internacional. Diante desses fatos, esta pesquisa propõe analisar a minificção precursora desses quatro escritores e formular hipóteses que apontem em suas obras e no panorama literário nacional as causas desse esquecimento.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Consolidada durante um período no qual a intensificação da hiperbrevidade (ROAS, 2010) se unia à formalização do pensamento pós-moderno (NOGUEROL JIMÉNEZ, 2010) e no qual a descontinuidade, a disjunção e o hibridismo surgiam como palavras de ordem, a minificção é uma forma literária cambiante, de caráter proteico e de difícil definição genérica (ROJO, 2009). No Brasil, informações mais consistentes sobre a história de tal forma literária são encontradas apenas nas obras de Karl Erik Schøllhammer (2004; 2009) e Márcio Almeida (2010; 2012).

3 MATERIAIS E MÉTODOS

A minificção publicada por Adrino Aragão, Elias José, Marina Colasanti e Péricles Prade entre 1970 e 1990 foi analisada em conjunto para a posterior elaboração de um paralelo entre as tendências da minificção brasileira das décadas de 70 e 80 e as tendências gerais apontadas pelos críticos dessa forma literária. Então, deu-se início a uma pesquisa mais específica dentro da história literária brasileira e hispano-americana do mesmo período, buscando estabelecer relações entre os traços característicos encontrados nos referidos autores e sua exclusão e marginalização.

4 RESULTADOS e DISCUSSÃO

A constatação de uma forte e constante presença do humor e de elementos fantásticos na escrita dos quatro autores aproxima a minificção brasileira das décadas de 70 e 80 daquela desenvolvida no mesmo período (e, na grande maioria dos casos, até hoje) em todo o cenário hispano-americano. Já a pesquisa a respeito de tais características na história da minificção hispano-americana, mostra que: 1) ambas seriam causas da exclusão da minificção do rol das “formas literárias sérias” e dignas de estudo mais aprofundado (ROJO, 2009); 2) a tendência a analisar a minificção como produção “dada a fazer rir” é um viés típico da crítica nacional, a qual, segundo Almeida (2010), sofre de uma certa “miopia” quando se trata de reconhecer essa forma literária; 3) é reconhecido, na história da literatura brasileira, “um predomínio da tradição realista em diferença às literatura nacionais latino-americanas, com sua riqueza e diversidade de formas de literatura fantástica” (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 56).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Envolvidos na propagação de uma forma literária pouco conhecida e ainda marginalizada, Adrino Aragão, Elias José, Marina Colasanti e Péricles Prade foram excluídos das primeiras obras dedicadas à contística brasileira. A distância temporal e estética entre eles e os autores da microficção que finalmente vêm encontrando certo reconhecimento continua mantendo-os à margem da história literária brasileira. Uma investigação mais extensa sobre as hipóteses aqui apresentadas torna-se imprescindível para uma versão mais abrangente da história da minificção no Brasil.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. *Pioneiros do miniconto no Brasil: resgate histórico-literário*. Oliveira: Gráfica e Editora Santa Cruz, 2012.

_____. *A minificção do Brasil – em defesa dos frascos e comprimidos*. Minas Gerais: Ed. Clube de Autores, 2010.

NOGUEROL, F. Micro-relato y posmodernidad: textos nuevos para um final de milênio. In: ROAS, D. (Org.). *Poéticas del microrrelato*. Madrid: Arco Libros, 2010.

ROAS, D. Sobre la esquivia naturaleza del microrrelato. In: ROAS, D. (Org.). *Poéticas del microrrelato*. Madrid: Arco Libros, 2010.

ROJO, V. *Breve manual (ampliado) para reconocer minicuentos*. Venezuela, Caracas: Editorial Equinócio, 2009.

SCHØLLHAMMER, K. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

_____. Miniatura e fragmento: brevíssima incursão pelas formas breves do Brasil. In: NOGUEROL, F. (Org.). *Escritos disconformes: nuevos modelos de lectura*. Salamanca: Universidad de Salamanca, p. 153-162, 2004.